
*Representações sociais na imigração de retorno à Itália**

Social representations on the return migration to Italy

*Maria Cristina Dadalto**

Resumo: A imigração de retorno pode ser compreendida a partir de múltiplos olhares. Neste artigo, objetiva-se analisar os percursos imigratórios de brasileiros nascidos no Espírito Santo, residindo no Norte da Itália, com vistas a entender esse deslocamento como uma produção de representações sociais. Para tal, busca-se entender as experiências individuais, tendo como suporte narrativas de descendentes de italianos.

Palavras-chave: Representações sociais. Imigração. Espírito Santo.

Abstract: The return immigration can be understood from multiple perspectives. This paper aims to analyze the migratory routes of brazilians, born in Espírito Santo (Holy Spirit), living in northern Italy, in order to understand this movement as a creation of social representations. To accomplish this, we seek to understand the individual experiences, supported by italian descendant's narratives.

Keywords: Social Representations. Immigration. Espírito Santo.

Segundo George Steiner (1992, p. 13), “as imagens e as construções simbólicas do passado encontram-se impressas, quase à maneira de informações genéticas na nossa sensibilidade.” Nessa direção, ao se refletir sobre a imigração de retorno à terra das *nonnas* e dos *nonnos* de milhares de brasileiros descendentes de italianos, podemos tentar apreender os sentidos da construção sociocultural desse processo com determinados

* Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) e pelo CNPq.

** Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora na Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* mcdadalto@gmail.com

grupos sociais no País, mais especificamente, no Estado do Espírito Santo, recorte deste trabalho. Para tal, busca-se apresentar e discutir as narrativas de duas testemunhas: Maria, 36 anos, casada, nascida na cidade de Linhares, residente em Florença há 12 anos; e Paolo, 52 anos, solteiro, nascido na cidade de Castelo, que residiu em Vicenza por 15 anos. Retornou ao Brasil em 2010.¹

Tais informantes são descendentes de imigrantes italianos assentados no Espírito Santo, a partir do século XIX – período em que começa a chegar ao estado grande leva de imigrantes europeus, árabes e asiáticos, bem como de nacionais. Conforme Almada (1984), nessa época, tem início a expansão do café e, como consequência, a mudança demográfica da província, promovidas tanto pela quase duplicação das populações livres e cativas no período de 1856 a 1872, como pela migração.

No total, 44.510 imigrantes entraram no estado entre 1847 e 1900. (FRANCISQUETO apud HESS; FRANCO, 2003). Eram alemães, suíços, hanoverianos, luxemburgueses, prussianos, holstenianos, hessenianos, austríacos, holandeses, badenses, poloneses, italianos, chineses, libaneses, sírios, dentre outros. Porém, os italianos vieram em maior número.²

Esses imigrantes foram inicialmente assentados em colônias localizadas nas regiões Sul e Centro do estado. Porém, o século XX surgia com um intenso processo migratório interno com vistas à exploração da fronteira norte, incluindo a região do Vale do Rio Doce. Os protagonistas desse processo são os descendentes de migrantes nacionais e estrangeiros já assentados no Espírito Santo, bem como outros migrantes nacionais que chegaram no período e se deslocaram num movimento que atingiu o auge nos anos 1930 e se prolongou até 1950.

Almada (1993) assegura que a fronteira norte, no Vale do Rio Doce, teve a composição sociocultural de sua população modificada com a significativa migração interna de mineiros e fluminenses. Dados do Censo de 1940 mostram que, nesse ano, 14,4% do total da população capixaba, 106.413 pessoas, haviam nascido em outros estados da Federação, sendo que 86,3% (92.081), eram mineiros e fluminenses. Até 1960 a maioria da população do estado vivia na área rural, situação que se alterou a partir dessa época, com a erradicação do café e a migração para zonas urbanas.

Durante o período que permaneceu na área rural, grande parte da população estava assentada em pequenos grupos de famílias que se

estruturavam nas colônias. A infraestrutura viária, composta majoritariamente por estradas de terra, por sua vez, propiciava um isolamento dessas populações relativo às localidades onde viviam. Tais fatos, associados às dimensões culturais, geográficas, psíquicas, dentre outras, são necessários ao se tentar compreender a construção das representações sociais dos descendentes de italianos assentados no Espírito Santo.

Nesse sentido, ressalta-se que o assentamento em colônias foi um fator de intensa miscigenação interétnica no estado – listagem de sobrenomes constituída a partir da solicitação de 6.204 pedidos de cidadania italiana por um grupo de capixabas ao Consulado Geral da Itália no Rio de Janeiro, no ano 2000, impossibilita que muitos descendentes sejam identificados como ítalo-brasileiros tendo como base o sobrenome. A grande maioria carrega sobrenome italiano e polonês; italiano e português; italiano e árabe; italiano e alemão, ou apenas um ou outro.³ Associadas aos sobrenomes, carregam consigo as representações que constroem sobre seus antepassados e as histórias experienciadas por eles.

Representações

Junqueira (2005) considera que cabe às representações articular tanto o sentido da vida coletiva de uma sociedade como o processo de constituição simbólica, nos quais sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar, por meio de uma identidade social e individual. Nesse processo, os aspectos objetivos vigentes na vida diária também estão vinculados às subjetividades garantidas por meio da situação, considerando que se manifestam em produtos da atividade humana e neles são apreendidas por meio da expressividade.

De acordo com Junqueira (2005), as representações estão radicadas na arena pública e nos processos por meio dos quais desenvolvemos uma identidade, criamos símbolos e nos abrimos para a diversidade de um mundo de outros. Nesse viés, o processo migratório representa, tanto aos indivíduos quanto às sociedades de origem e de destino envolvidos, uma mudança que corresponde à transformação do padrão da ordem social.

Desse modo, refletir sobre determinado grupo de indivíduos envolve compreender uma dada comunidade interpretativa de pessoas que, habitualmente, produzem representações de um tipo particular para outro e que, ainda, utilizam-nas rotineiramente para objetivos padronizados. (BECKER, 2009). As representações são, assim, elaboradas em meio a processos de práticas sociais, trocas e interações, constituindo-se entre o individual e o social. Partilham um objeto comum e, por serem compartilhadas, efetivam divisões específicas que são conferidas ao sujeito.

No compartilhamento das concepções, ativam-se conhecimentos complexos. Dessa maneira, ponderar-se que os espaços a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e falar são edificados nos discursos e sistemas de representação. (WOODWARD, 2000). Nesse caso, ajuíza-se que a identificação – dada pela ação e, posteriormente, pela atribuição de significados relevantes para tal ação – é determinada pelo contexto social em que o sujeito está inserido.

Os significados produzidos pelas representações é que permitirão ao sujeito dar sentido à sua experiência e àquilo que ele é. Estabelece-se, então, um processo cultural no qual as identidades individuais e coletivas, configuradas em sistemas simbólicos, fornecem possíveis respostas às inúmeras questões que surgem corriqueiramente. Segundo Jovchelovitch (1995), são as mediações sociais, nas mais variadas formas, que geram as representações sociais.

Dessa maneira, as representações configuram-se como fenômenos complexos e ativados na ação da vida social. Simultaneamente, elas desafiam e reproduzem, repetem e superam, possuem diversos elementos nas dimensões informativas, cognitivas, ideológicas e normativas; conformam crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. Isso porque a configuração do sistema de crenças ou de representações sociais que constitui cada sociedade e que ela compartilha entre si é que consente a comunicação ou a troca de sentido entre seus membros.

De acordo com Lefevre e Lefevre (2010, p. 21), os sistemas simbólicos e, dentro deles, as representações sociais, não se dão no vazio, já que, numa larga medida, são influenciadas por condições relativas ao seu contexto histórico e de infraestrutura. Ainda segundo esses autores, as representações estão sob o efeito dos atributos ou dos lugares de onde os indivíduos falam, assim compreendidos a nacionalidade, o gênero, a

religião, a idade, o nível de instrução, a profissão, a estrutura física, a história de vida, além de outros fatores.

Tem-se, desse modo, definido teoricamente que as representações sociais são reelaborações, metabolizações de conhecimentos e informações gerados em certo número de espaços sociais onde, modernamente, tais conhecimentos são produzidos e/ou difundidos. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2010, p. 23). Nessa perspectiva, esta pesquisa se propõe a analisar a correlação a narrativa dos descendentes de imigrantes italianos no processo de deslocação à terra de origem de seus antepassados como um espaço-tempo de produção de representações.

Narrativas

Maria mora atualmente em Florença. Casada com um italiano, tem dois filhos: um de 8 e outro de 6 anos. Seus avós paternos são filhos de imigrantes italianos⁴ assentados em Linhares, no final dos anos 80 (séc. XIX). A família paterna é grande e sempre teve o hábito de se reunir nos finais de semana na casa dos avós – e com a morte desses, a reunião ocorria na casa de seu pai – para almoçar e conversar sobre a vida. Esses encontros, segundo Maria, sempre foram mediados por uma culinária que ela define como italiana: macarrão, galinha e polenta.

O processo de retorno à terra dos antepassados aconteceu em duas etapas: na primeira, ela emigrou do Brasil solteira, com o objetivo de conhecer a Itália e conseguir trabalho. Contudo, nascida em uma família de classe média alta no interior do Espírito Santo, contava com uma situação que a deixava muito tranquila: não tinha urgência de conseguir trabalho, pois os pais enviavam recursos, para que ela se mantivesse sem preocupação. Assim, não passou por privações e dificuldades financeiras.

Sobre a decisão de viver na Itália, Maria sempre considerou ser relativamente fácil, porque, a sua visão de viver na Itália tem muita similaridade com o viver no Brasil. Nesse sentido, considera semelhante:

A Itália é muita parecida com o Brasil nesse aspecto de estar junto, de participar, de dividir o seu dia a dia. Então para mim foi uma decisão, digamos assim, fácil de tomar porque eu sabia que ali eu me sentiria também em casa por alguns motivos. É claro que você cortar os seus laços, as suas raízes, é muito difícil, é muito complicado.

Na primeira vez, Maria viveu dois anos na Itália, mais especificamente, em Florença e retornou para Linhares, sua cidade natal. Três anos depois, em 2005, ela retornaria, já casada, para Florença. Sobre essa experiência, relata:

Eu não cheguei lá sozinha, eu não cheguei sem referências [...]. E eu soube primeiro observar pra compreender como as coisas funcionavam e começar a seguir o ritmo deles. Porque não adianta a gente ter um costume, querer ser o que a gente é no nosso país em um país estrangeiro, porque são coisas diferentes. São comportamentos diferentes, são formas de tratar, de viver, tem um ritmo diferente, apesar de ser a Itália um país que eu acho que tem muito a ver com o Brasil, eu ainda repito isso porque para muita coisa a gente parece, a gente é parecido, mas a Itália absorveu também muitos costumes europeus.

Formada em Jornalismo – atividade que exerce na Itália –, Maria expressa a importância de compreender o outro a partir das representações que compõem os contextos de vida dos indivíduos e sociedades. Contexturas que envolvem as dimensões da terra de origem e de destino do imigrante e que, de acordo com Sayad (1998), devem ser consideradas aos se pensar nas condições que engendraram o deslocamento em sua origem. Assim como é preciso também analisar o significado desta mudança no espaço físico e qualificado: em seu sentido social, econômico, político, histórico e cultural. Neste sentido, pensar as dimensões que trazem, em si, a relação com o tempo, com a memória, com a nostalgia, de maneira a estabelecer enlace com a história migratória dos antepassados e com a atual de Maria.

Desse modo, ao afirmar que “a gente é parecido”, Maria nos permite indiciariamente apreender também a construção simbólica de sua identidade e as dimensões desse fenômeno explicitadas por Sayad (1998). Nessa construção, se inscreve a história presente de Maria em diversas representações sociais de seu cotidiano: cidadã italiana, esposa, mãe de dois filhos e jornalista de moda, mas também sua história passada – neta de italianos e que desde criança, vivendo no interior do Espírito Santo, se acostumou às reuniões de fim de semana da família para almoçar com os parentes e contar as histórias dos antepassados.

A narrativa de Paolo se apresenta com algumas dessemelhanças da de Maria. Nascido em uma cidade no sul do Espírito Santo, filho de

um italiano que imigrou para o Brasil nos anos de 1950, ele também buscou a Itália como país de imigração após ter concluído sua formação superior em Publicidade e Propaganda. Em Vicenza, residiu por 15 anos, depois migrou para Madri e retornou ao Brasil em 2010. Agora faz planos para voltar a morar em Vicenza.

Segundo seu olhar, quando partiu, a Itália representava a família: “Olha, eu imaginava a Itália como uma família grandiosa, ela era como um presente, ela era muito boa.” Nessa direção, sua narrativa é sempre no sentido de valorizar sua experiência naquele país. E de acordo com seu relato, em todo tempo que lá permaneceu, somente ocorreram coisas muito boas em sua vida.

Paolo relata que teve uma educação italiana e se sente um italiano. De acordo com sua narrativa, seu pai sempre lhe dizia coisas boas sobre a Itália, afirmando, inclusive, que as coisas eram um pouco mais fáceis lá. Por isso, ele acreditava que, ao morar naquele país, sua vida iria ser melhor e poderia descobrir o mundo. De fato, conseguiu um emprego logo que chegou, retornando para o Brasil quando seu pai adoeceu e faleceu.

Eu aprendi a falar italiano provavelmente quando tinha 10 ou 11 anos de idade. Meu pai me ensinou. Ele quase não sabia (falar) português. Quando meu pai veio para o Brasil, foi difícil dele se adaptar, ele já tinha uma escolaridade. Eu me considero um italiano. Tenho os dois passaportes, mas, na verdade, só uso o brasileiro para sair do Brasil, depois uso o italiano. Apesar de que dentro da Europa eu não utilizo passaporte.

Sentir-se um italiano para Paolo remete, por sua vez, à relação que manteve com o pai e o significado daquele país na construção familiar. Desse modo, a história imigratória paterna se fez presente no cotidiano e não somente por meio de narrativas contadas ao longo de uma trajetória que foi atravessando várias gerações, tal como ocorreu com Maria. Na vida de Paolo, a memória imigratória é fator constituinte de suas representações sociais e de identidade.

Nesse sentido, a Itália é a representação de um lugar em que ele se encontra ambientado, e do qual ele não se permitiu relatar nenhum fato negativo em que pudesse ter-se envolvido. Sua narrativa busca sempre ressaltar a sua adequação como italiano e, nesse rumo, destaca como ele

se vê ou é percebido pelos europeus, uma vez que, na Europa, não precisa utilizar passaporte.

Sobre a imigração de retorno, Zanini et al. (2013) avaliam que os brasileiros descendentes de italianos são sujeitos que procuram construir uma dinâmica de integração na Itália, jogando com as estratégias inerentes ao grupo étnico de pertencimento. Todavia, esse processo de construção cultural hifenizada do ítalo-brasileiro não é um fenômeno que se assenta somente no tempo presente.

Dessa maneira, muito embora o contemporâneo seja o ponto de partida de uma releitura da italianidade de descendentes de italianos presentes no Espírito Santo, o processo efetivo dessa representação é esquadrihado no passado e nos meandros da ocupação territorial do estado. Se o presente está reelaborando o processo imigratório do final do século XIX, esse procedimento acontece com base nos fragmentos desse mesmo passado, cujas dinâmicas de produção de memória se estabeleceram no interior da comunidade.

No que tange à partida de brasileiros, no caso específico para a Península Itálica, identifica-se um importante movimento de partidas de ítalo-capixabas, no final do século XX, em direção às regiões do Vêneto e do Friuli Venezia Giulia e à Província de Trento. No entanto, cumpre observar que não há números que qualifiquem esse processo. Cabe mencionar, também, que nem sempre acontece de um modo direto – partida da pequena cidade e chegada à região de origem dos antepassados – mas pode ser desenhado por trajetos diversos tanto dentro do Brasil como em outros continentes.

No caso do trabalho em pauta, tem-se uma marca de partida: o do descendente que se dirige à terra de seus ancestrais. Muitos dos descendentes desses *pioneiros* – alguns crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais – acabam escolhendo (*com* ou *sem* dupla cidadania) aquela que é popularmente chamada “estrada de retorno”, ou “volta às raízes”, projetando para o futuro e para a velha/nova terra a realização de um projeto de vida pessoal e familiar.

Colabora com essa percepção de continuidade cultural o renascimento de um sentimento de pertença étnica que tem vivido um grande crescimento nas zonas de imigração italiana do interior do Estado do Espírito Santo. Esse processo é verificado, empiricamente, e por meio

de pesquisas em curso (GIRÃO, 2014), na realização de festas que exaltam a positividade étnica dos ítalo-brasileiros, criação de grupos de danças folclóricas e de corais, de círculos italianos, entre outras ações, que se somam para a construção de uma ponte que vincula o passado imigratório ao presente do descendente. Cria-se, assim, em inúmeros casos, uma presentificação de sensações, sentimentos e experiências; representações que dão suporte à construção de uma identidade italiana, que, por sua vez, é, muita vez, instrumentalizada ao realizar o projeto de retorno à terra dos *nonnos* e das *nonnas*.

À guisa de conclusão

Nos processos de deslocamento – tanto no do passado migratório do século XIX quanto no da contemporaneidade – mulheres e homens, ao partirem, entram em contato com uma nova realidade e vivenciam um processo de transposição, de confrontações e de redefinições entre a representação construída *a priori* e aquela reelaborada a partir das experiências cotidianas na nova terra.

Especificamente sobre Maria e Paolo e a narrativa de suas experiências, há o confronto entre a expectativa construída no projeto imigratório – sobre as representações idealizadas para reconstruir o vínculo com o ancestral imigrante e a experiência vivida na terra de chegada – que vão modelando sua condição de descendentes imigrantes na Itália, especialmente para Paolo, que parte se sentindo *italiano*.

Nessa direção, o artigo buscou estabelecer um esforço de interpretação sobre a dinâmica desse processo imigratório e emigratório, uma vez que o movimento de ir e vir para outro país e retornar ao local de origem mantém-se, tanto definitiva como temporariamente. Maria e Paolo constituem-se identitariamente, portanto, como imigrantes-emigrantes, imersos nos sentidos e nos sentimentos das representações acerca da terra narrada por seus antepassados e nas suas próprias construções de sua terra de nascimento.

Construções e representações que, impressas em suas sensibilidades, são reinterpretadas, ressignificadas, constituindo o sentido identitário que dá suporte à cotidianidade em Florença e no Espírito Santo, e que, por sua vez, os impulsiona a tecerem diferentes narrativas como uma trama complexa dentro da qual alojam-se as diversas experiências nas quais se colocam e se deslocam.

A diversidade de experiências, de maturidade, de gênero e de qualificação dos dois depoentes apresenta-se no Brasil e na Itália em camadas com diferentes graus de valor e, portanto, se refletem no modo como representam o mundo e como indicam as relações sociais que estabeleceram nos dois espaços-tempos. Em consequência, também reverberam nas escolhas e percepções que constroem sobre *quem são* e os diferentes graus de importância que dão ao país de origem. Nesse sentido, as representações sociais de Maria e Paolo estiveram assentadas na experiência familiar de cada um deles, com suas próprias diversidades, porém ambas destinadas a trilhar um presente que projeta o passado para moldar as expectativas que têm sobre si – evidentemente, no futuro.

Notas

¹ Entrevistas realizadas no ano de 2013. Todos os nomes são fictícios. Os entrevistados assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que garante o anonimato.

² Decreto publicado em 4 de junho de 1892 estipulava que o governo concederia aos imigrantes estrangeiros pagamento de passagens, hospedagem gratuita na capital, transporte e alimentação até o local que residiriam, assistência médica gratuita por dois anos, concessão de um lote de 25 hectares à escolha do imigrante e o adiantamento, a cada família, de um valor de 250\$000 para o primeiro ano de estabelecimento. Dessa maneira, o presidente Moniz Freire conseguiu introduzir no Espírito Santo, em quatro anos (1892-1896), 10.566 imigrantes. Contudo, o relatório do Cônsul Cavaleiro Nagar gera proibição à

imigração para o Espírito Santo motivada pelas condições a que eram submetidos os imigrantes ao chegarem no Espírito Santo: más condições de transporte da capital para os núcleos coloniais ou fazendas; o longo tempo de permanência nos barracões enquanto aguardavam a medição dos lotes; carestia de gêneros alimentícios no interior; e falta de assistência médica, escolar e religiosa. Aliado a esses fatores, houve ainda o aparecimento de febres palustres, que vitimaram muitos imigrantes. (Dadalto, 2007).

³ Nesse relatório, verifica-se a repetição da presença de sobrenomes de origem portuguesa, como: Silva em 235 pedidos; Martins, em 135; Alves, em 135, entre outros, assim como também prosperam sobrenomes compostos: Abib e Pretti, Almeida e Morellato, Altoé e

Niewglowski, Barros de Albuquerque, Dalboni Rezende Salum, como exemplos. (Dadalto, 2007).

⁴ Vale ressaltar que aqui estamos tratando de italianos no conceito de nação, tal como constituída no presente. Também é dessa forma que os informantes se apresentam.

Referências

- ALMADA, V. P. F. de. *Escravidão e transição: o Espírito Santo (1850-1888)*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- BECKER, Howard S. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- DADALTO, M. C. Os rastros da identidade da diversidade capixaba. *Revista Sinais*, v. 1, n. 1, p. 57-72, 2007.
- HESS, Regina; FRANCO, Sebastião P. *A República e o Espírito Santo*. Vitória: Multiplicidade, 2003.
- GIRÃO, F. C. Dança da juventude: poder de representação do passado no presente. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL (Política, Ética e Conhecimento), 12., 2014, Teresina - PI. *Anais...* UFPI, Teresina – PI, 2014.
- JODELET, D. *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63-83.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo*. Brasília: Líber Livro, 2010.
- SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.
- JUNQUEIRA, Lília. A noção de representação na sociologia contemporânea. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 10, ns. 18 e 19, p. 145-161, 2005.
- STEINER, George. *No castelo do Barba Azul: algumas notas para a redefinição da cultura*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.
- ZANINI, Maria Catarina C. et al. Ítalo-brasileiros na Itália no século XXI: *retorno à terra dos antepassados, impasses e expectativas*. *REMHU - Rev. Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, ano XXI, n. 41, p. 139-162, jul./dez. 2013.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-12.

